

Projeto dá força nova aos índios

Cláudia Garcia

O povo Ianomami provavelmente não estaria em extinção se o programa adotado entre os índios Waimiri-Atroari estivesse sido implantado também naquela reserva indígena. Pelos dados apresentados pelo médico tropicalista Rômulo César Sabóia Moura, chefe do Núcleo de Epidemiologia e Saúde Pública do Instituto de Medicina Tropical (IMTM), o programa somente trouxe benefícios aos índios Waimiri-Atroari. De acordo com Moura, a Fundação Nacional de Saúde (FNS) mantém o monopólio sobre os índios Ianomami, não permitindo, portanto, a implantação do programa na área dos índios preferida pelos garimpeiros.

Com a implantação do Programa Waimiri-Atroari (PWA), em julho de 1987, foi observada uma melhora pro-

gressiva no quadro de saúde do povo Waimiri-Atroari. A malária, por exemplo, representava um dos principais problemas de saúde juntamente com o sarampo, a caxumba, a tuberculose, as infecções respiratórias e os parasitos intestinais. As micoses superficiais e escabiose eram lesões cutâneas predominantes. A anemia acometia 30% da população. No levantamento apresentado ontem por Moura fica evidenciado que a malária está sob controle, a cobertura vacinal é de 100%; a incidência de doenças preveníveis por vacinação e tuberculose é zero, o coeficiente de mortalidade infantil é também zero, o coeficiente de mortalidade geral apresenta-se menor que o da sociedade envolvente e o crescimento vegetativo é de 5,8% ao ano.

Ao contrário dos Waimiri-Atroari, o povo Ianomami sofre as consequên-

cias por não dispor de um programa semelhante ao PWA. A FNS registrou 175 óbitos em 1991. Para Moura, esse dado não comprova a realidade. Ele lembrou que em abril de 82 fez um levantamento na área dos Surucucus, onde constantemente existe a presença de garimpeiros e verificou que dos cinco mil índios que estimava existir só se encontravam 2,4 mil.

Moura diz que é praticamente impossível ter o número real de óbitos do povo Ianomami pelo fato de que muitos índios habitam em locais isolados. Diante da estatística de óbitos apresentada pela FNS ele assegura que é preciso acrescentar muito mais do que o apresentado. "Para se ter uma idéia da situação dos índios Ianomami, os postos de saúde ficam em regiões montanhosas e de difíceis acessos. Os índios precisam caminhar dias para se consultar. Os que não têm condições de andar morrem na tribo", afirmou.

Arquivo

Programa — O PWA foi criado como forma de ressarcir ao povo Waimiri-Atroari pelos impactos ambientais e sócio-culturais decorrentes da construção da hidrelétrica de Balbina, em 1979, cujo reservatório alagou 30 mil hectares do território Waimiri-Atroari. Foi a partir daí que a Fundação Nacional do Índio (Funai) e a Eletrobrás, juntamente com a comunidade indígena, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), IMTM e Universidade do Amazonas (UA) deliberaram a implantação de um programa com ações em saúde, educação indígena, monitoramento ambiental e proteção territorial da área.

Programa semelhante ao PWA foi implantando na área do Paracaná, em Tucuruí, e está dependendo de recursos para ser adotado no território dos índios Wai-Wai, localizado em Nhamundá-Mapuera.

Contato com os Waimiri em 1850

O primeiro contato com os índios Waimiri-Atroari se deu por volta de 1850, no surto migratório para a Amazônia desencadeado pelo extrativismo vegetal, principalmente a exploração da borracha. Como o seu território se estendesse até o rio Javaperi, rico em seringais nativos e animais selvagens, os Waimiri-Atroari sofreram inúmeros ataques de forasteiros, que lhes acarretaram muitas mortes.

Dos três mil índios estimados sobreviveram pouco mais de mil. A construção da BR-174 (Manaus-Boa Vista) também provocou a morte de muitos indígenas. O declínio populacional dos Waimiri-Atroari continuou a acontecer depois, por doenças introduzidas, quando se registrou em 1986 a existência de apenas 374.

Com o PWA, a população dos Waimiri-Atroari que era composta de 417 pessoas aumentou em dezembro de 91 para 532 habitantes. Cresceu neste período 27,6%. O crescimento vegetativo da população foi de 0,5% em 1987; 4,8% em 1988; 7,3% em 1989; 5,9% em 1990 e 6,6% em 1991.

O coeficiente de mortalidade geral dos Waimiri-Atroari foi este ano de um óbito por mil habitantes — abaixo do apresentado no Amazonas, que é de quatro óbitos por mil habitantes. O médico tropicalista Rômulo César Sabóia Moura afirma que no ano passado apenas um índio da reserva Waimiri-Atroari morreu por acidente.



Índios Waimiri-Atroari: beneficiados

Perimetral trouxe doenças e dizimação

Foi a partir da construção da Estrada Perimetral Norte, em 1974, que o povo Ianomami começou a sofrer as primeiras consequências. Ao longo de 100 quilômetros da reserva indígena, 13 aldeias foram dizimadas por doenças em decorrência do contato com os peões que trabalhavam na construção da estrada. No quilômetro 145, no Alto Catrimani, em três anos duas epide-

mias de sarampo mataram 80 índios.

Em 1976, o projeto Radam Brasil divulgou pesquisas geológicas provocando verdadeira corrida à Serra dos Surucucus. Quinhentos garimpeiros invadiram o território Ianomami. Houve conflito armado entre garimpeiros e índios.

Em 1987, o líder garimpeiro José Altino Machado comandou uma inva-

são em massa à área indígena. Milhares de garimpeiros ocuparam as regiões dos rios Catrimani, Apiáú, Macajá, Auaris e a Serra do Surucucus, além da região do Couto Magalhães. Em fevereiro do ano passado morreu o índio Yaduce Ianomami, que trabalhava no Paupipi como intérprete da FNS. Ele foi atingido num conflito entre garimpeiros e indígenas.